A FORTE ARRONCHES

A Voz da Nossa Terra, o Espirito de Arronches

Diretor: César Galão | Bimestral - Gratuita | Nº 0 - Novembro / Dezembro 2025



Arronches mais Forte no mapa do mundo — e no coração de quem volta

Diamantino Martins fala das suas experiências e "voltas ao mundo", sempre com o regresso à sua terra natal.

pag. 8

Arronches: Memórias da Primeira Grande Guerra (1914 / 1918)

Daniel Balbino conta-nos um relato em jeito de história da Primeira Grande Guerra e como se viveu em Arronches

pag. 11

No princípio era o Verbo: como um convite se tornou num projeto

Um texto de Fátima Velez de Castro.

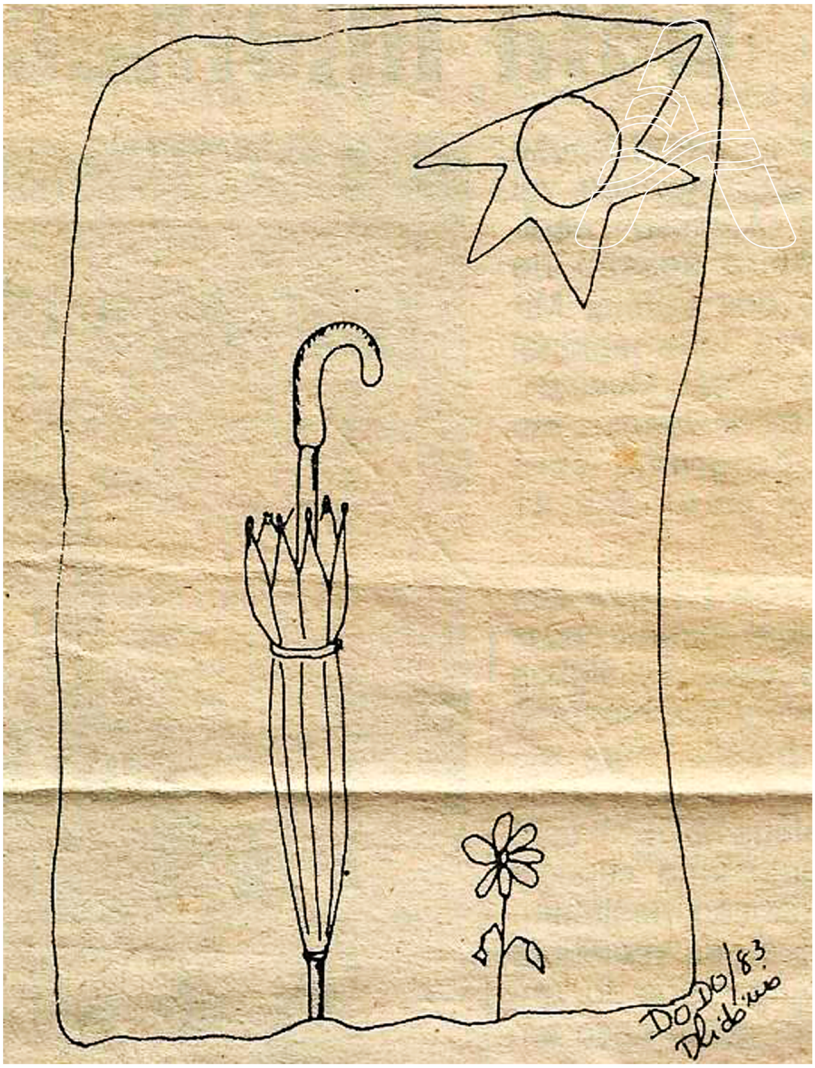
pag. 14



A FORTE ARRONCHES

A ARTE DE DODO





arquivo “A Forte Arronches” - gentilmente cedido por Daniel Balbino

© direitos reservados “A Forte Arronches”

Domingos Sidónio Trabuco Agapito,

conhecido por DODO, foi um artista plástico, um pintor, e um prodigioso inventor, um poeta da originalidade... nasceu em Arronches !



EDITORIAL

POR
CÉSAR GALÃO

A Forte Arronches – A voz da nossa terra, o espírito de Arronches

Porque Arronches? Porque uma revista? Porque acreditar que vai servir de algo? Porque cultura?

Estas perguntas acompanharam-me desde o primeiro momento em que imaginei este projeto. E são elas que me movem agora, ao escrever este editorial inaugural, como responsável por uma publicação bimestral, completamente independente, que nasce com um propósito claro: dar espaço à nossa terra, às nossas vozes, às nossas histórias.

Olá a todos.

Espero sinceramente que este seja o início de algo único, diferente e diferenciador em Arronches.

Uma revista que consiga chegar a todos — ou, na impossibilidade disso, ao maior número de pessoas possível. Que seja vista como uma oportunidade, e não como algo que se rejeita à partida ou se critica sem conhecer. Este projeto foi criado com boa fé, com vontade genuína de acrescentar, de inovar, de marcar a diferença.

A Forte Arronches quer ser plural, aberta, viva. Um espaço onde cada um se possa sentir parte, onde todos e todas sejam convidados a participar. Uma revista que alegre, divirta, ensine, explique, informe. Que seja factual e isenta, imparcial e cheia de vida.

Este projeto foi muito ponderado, pensado com tempo e consciência. Não tenho ilusões: não agradaremos a todos, nem esse é o nosso objetivo. Mas posso prometer que cada colaborador que aqui escreve fá-lo com compromisso, dedicação, de livre vontade e com verdade. Cada texto será uma partilha pessoal, uma história, uma opinião, uma informação — sempre assinada, sempre assumida.

Assumimos, como equipa, os valores expressos no nosso Manifesto, disponível online. E partimos todos do mesmos princípios: igualdade, liberdade de expressão e responsabilidade editorial.

Estamos todos empenhados em dar um pouco de nós a esta vila alentejana que tanto amamos. Com visões diferentes, mas com um único propósito: contribuir para engrandecer Arronches, trazer mais cultura, mais história, mais espírito comunitário e de partilha.

Acolheremos a crítica com humildade. Trabalharemos com ela. Porque ninguém começa com sucesso absoluto — e os erros fazem parte do caminho. O nosso compromisso é aproximar os arronchenses, contar as nossas e as vossas histórias, e dar a conhecer ainda mais o nosso concelho.

Este é o número zero. O primeiro passo. Porque começar do um seria incongruente com a nossa visão e começar já à frente do primeiro passo.

E esperamos que seja o início de algo que vale a pena.

Com estima,

César Galão.

Editor | A Forte Arronches

Conteúdo

Diamantino Martins

Arronches mais forte no mapa do mundo — e no coração de quem volta.

Diogo Júlio Serra

Em jeito de apresentação

Mafalda Flores

Aqui também há mundo

Daniel Balbino

Arronches: Memórias da Primeira Grande Guerra (1914 / 1918)

"Temos a obrigação de salvar tudo aquilo que ainda é susceptível de ser salvo, para que os nossos netos, embora vivendo num Portugal diferente do nosso, se conservem tão Portugueses como nós e capazes de manter as suas raízes culturais mergulhadas na herança social que o nosso passado nos legou"

Jorge Dias

Fátima Velez de Castro

No princípio era o Verbo: Como um convite se tornou num projeto

Miguel Machado

Rua do Paço, 40

"Este projeto é uma oportunidade de dar voz ao vasto património (material e imaterial) que faz parte da identidade da vila de Arronches, valorizando o que a distingue enquanto comunidade."

"Por isso, a César o que é de César, neste caso não o imperador, mas o amigo César Galão, que me lançou o desafio de participar n ˆ "A Forte Arronches". "

"Procurarei trazer-vos "a minha Arronches". As ruas, os recantos, as vivências e sobretudo as nossas gentes: Arronchenses que construíram a história da nossa terra a partir de grandes e pequenos feitos, gentes que aprendi a respeitar."

"Aceitei o convite para colaborar com A FORTE ARRONCHES com o mesmo entusiasmo com que abraço cada novo projeto: com paixão e sentido de missão aliado a uma espécie de amor pela Vila de Arronches."

"Aqui nasci, neste lugar que não só é o meu território de residência, mas também o meu ponto de partida e, invariavelmente, o de regresso. "

Paulo Trindade

Arronches - Uma escolha consciente:

"A ligação a Arronches é profunda e permanente, enraizada nos meus pais, nos meus avós e em toda a família, manteve-se sempre como referência central, mesmo nos períodos em que as exigências da vida profissional e pessoal me afastaram fisicamente."

Catarina Grilo

Arronches: terra de memória e *futuro*

"Durante a elaboração dos trabalhos do primeiro ano do mestrado, comecei a debruçar-me com mais certeza sobre o passado de Arronches."

Carlos Casaquinha

Honrar as Palavras, Celebrar o Encontro, Cuidar a Comunidade

"A Forte Arronches nasce como um território simbólico de resistência cultural: um lugar onde escrever é um ato de cidadania e de cuidado. Assim, aceitar este convite é, para mim, um gesto de profunda gratidão e compromisso."

Martinho Manuelito

Encontros na Praça da República: a arte de Manuel Palmeiro

"Um dia destes, enquanto passava na Praça da República, em Arronches, vi o Sr. Manuel Palmeiro, conhecido artesão da nossa praça, construir um instrumento musical."

Daniel Balbino

Domingos Sidónio Trabuco Agapito

"Pensando bem, talvez Dodo não tenha morrido, apenas se escondeu nas telas, nas tintas e nos objectos triviais que o rodeavam, como se fossem (ecos de) deuses silenciosos."

Arronches





arquivo “A Forte Arronches” - foto por João Amador
© direitos reservados

Arronches mais Forte no mapa do mundo — e no coração de quem volta.



POR
DIAMANTINO MARTINS

Aceitei o convite para colaborar com A FORTE ARRONCHES com o mesmo entusiasmo com que abraço cada novo projeto: com paixão e sentido de missão aliado a uma espécie de amor pela Vila de Arronches. Esta revista em jeito moderno no mundo das tecnologias poderá representar parte daquilo em que acredito — dar voz à comunidade, preservar a identidade local e projetar Arronches para o mundo. Vejo neste projeto uma plataforma de partilha, de memória e de futuro, onde tradição e inovação se podem perfeitamente cruzar. Fazer parte desta narrativa coletiva é, para mim, é também uma forma de retribuir um pouco o que esta minha terra já me deu, e continuar a construir pontes entre quem cá está e quem, como eu, leva Arronches no coração, onde quer que vá.

Viajar ensina. Ensina a ver o mundo com outros olhos, a valorizar o que é nosso, e a perceber que há lugares que, por mais que se vá longe, nunca saem de dentro de nós. Para mim, esse lugar chama-se Arronches. Volta e meia ou volta que não volta é aqui que gosto de vir parar.

Há 3 décadas a trabalhar no turismo, a criar experiências em mais de 160 países e ilhas, decidi que estava na hora de começar a voltar. Voltar com tudo o que aprendi, com a bagagem cheia de ideias, e com a vontade de contribuir para o futuro da terra que me viu crescer. E foi assim que nasceu o projeto da HERDADE DOS MOREIROS — um projeto de agroturismo de luxo, sustentável e profundamente alentejano.

O turismo, que representa mais de 15% do PIB nacional, é hoje uma das maiores forças económicas de Portugal, e o Alentejo tem vindo a afirmar-se como um dos destinos mais autênticos e procurados, tanto por portugueses como por estrangeiros. O que nos distingue? A calma, a paisagem, a gastronomia, a hospitalidade. E é exatamente isso que queremos oferecer na Herdade dos Moreiros: experiências únicas, ligadas à terra, à tradição e à excelência.

Trata-se da transformação de uma propriedade de família, local onde vivi com os meus Pais e o meu Irmão, num espaço que respeita as raízes agrícolas, mas que olha para o futuro. Vamos apostar no conceito farm to table, queremos trabalhar com produtores locais, e queremos que cada prato conte uma história da região, seja ele criação da Herdade ou da restauração da região. Mais do que turismo, será uma identidade. Mais do que um negócio, será uma missão.

Este projeto é também uma forma de gerar emprego local, ativar a economia circular, e redimensionar o nome de Arronches para o mundo. Queremos atrair quem procura descanso, natureza, autenticidade — e mostrar que o Arronches tem tudo isso, com qualidade e alma.

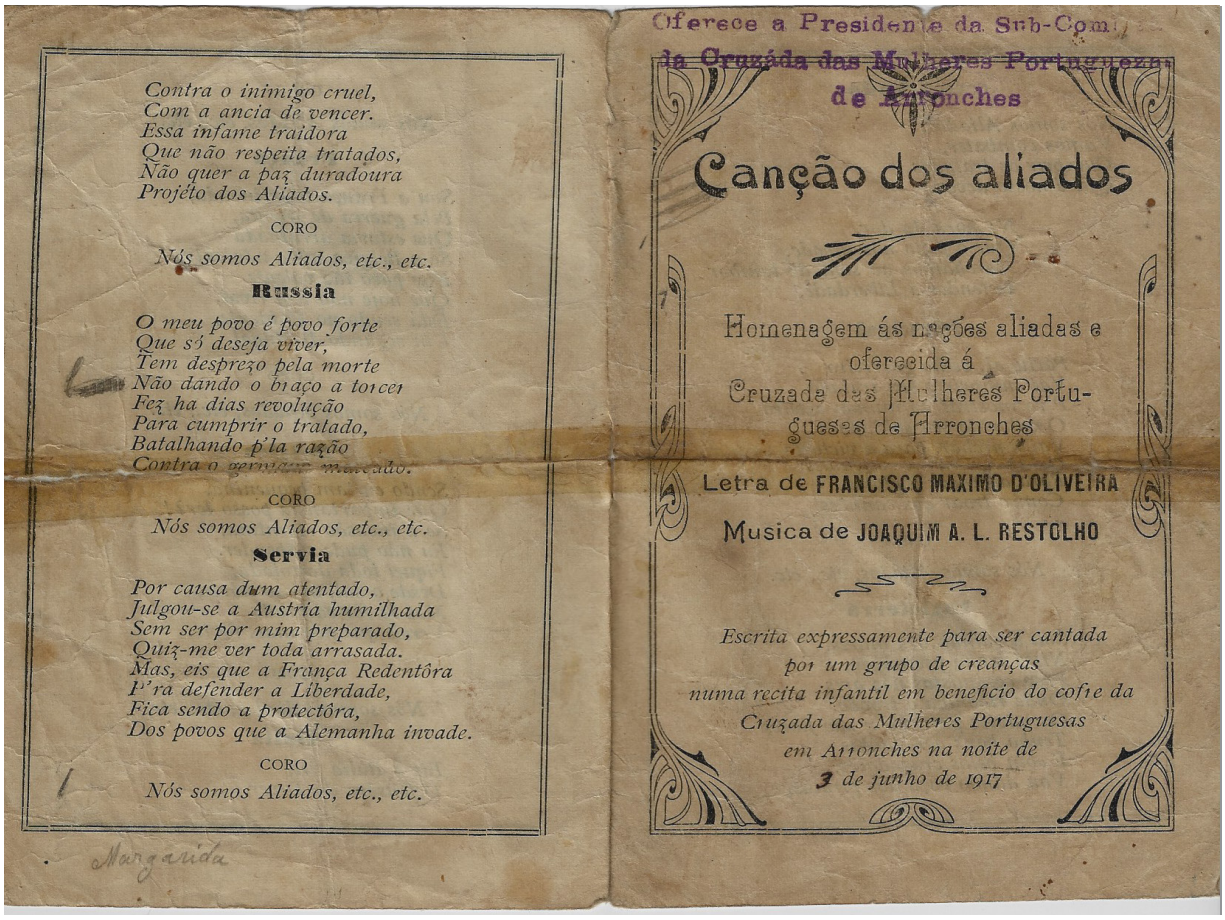
Como dizia Padre António Vieira: “Para nascer, Portugal. Para morrer, o mundo.” Mas talvez esse mundo, para muitos de nós, seja a nossa terra. Porque é nela que queremos investir, crescer, deixar legado. Porque é nela que o mundo pode encontrar ainda mais sentido.

Acredito no poder do boca a boca, das redes sociais, da comunicação espontânea que nasce de experiências verdadeiras. E acredito, sobretudo, que o empreendedorismo exige resiliência — a capacidade de sonhar, de cair, de levantar, e de continuar a acreditar. E por isso acredito que o projecto da Herdade dos Moreiros tem tudo para ser muito Forte.

Encaro o voltar às origens não apenas um gesto bonito, mas sim como um ato de coragem. É dizer: “eu posso fazer a diferença aqui”. E é isso que me move. Porque Arronches merece. Porque o Alentejo tem tudo. Porque o nome da minha familia assim o exige, e porque o mundo precisa de lugares como este — onde o tempo abranda, e o coração acelera.



arquivo "A Forte Arronches"
© direitos reservados "A Forte Arronches"



Contra o inimigo cruel,
Com a ancia de vencer.
Essa infame traidora
Que não respeita tratados,
Não quer a paz duradoura
Projéto dos Aliados.

CORO

Nós somos Aliados, etc., etc.

Russia

O meu povo é povo forte
Que só deseja viver,
Tem desprezo pela morte
Não dando o braço a torcer
Fez ha dias revolução
Para cumprir o tratado,
Batalhando p'la razão
Contra o germanico [illegible].

CORO

Nós somos Aliados, etc., etc.

Servia

Por causa dum atentado,
Julgou-se a Austria humilhada
Sem ser por mim preparado,
Quiz-me ver toda arrasada.
Mas, eis que a França Redentôra
P'ra defender a Liberdade,
Fica sendo a protectôra,
Dos povos que a Alemanha invade.

CORO

Nós somos Aliados, etc., etc.

Margarida

Oferece a Presidente da Sub-Com[illegible]
da Cruzáda das Mulheres Portuguezas
de Arronches

Canção dos aliados

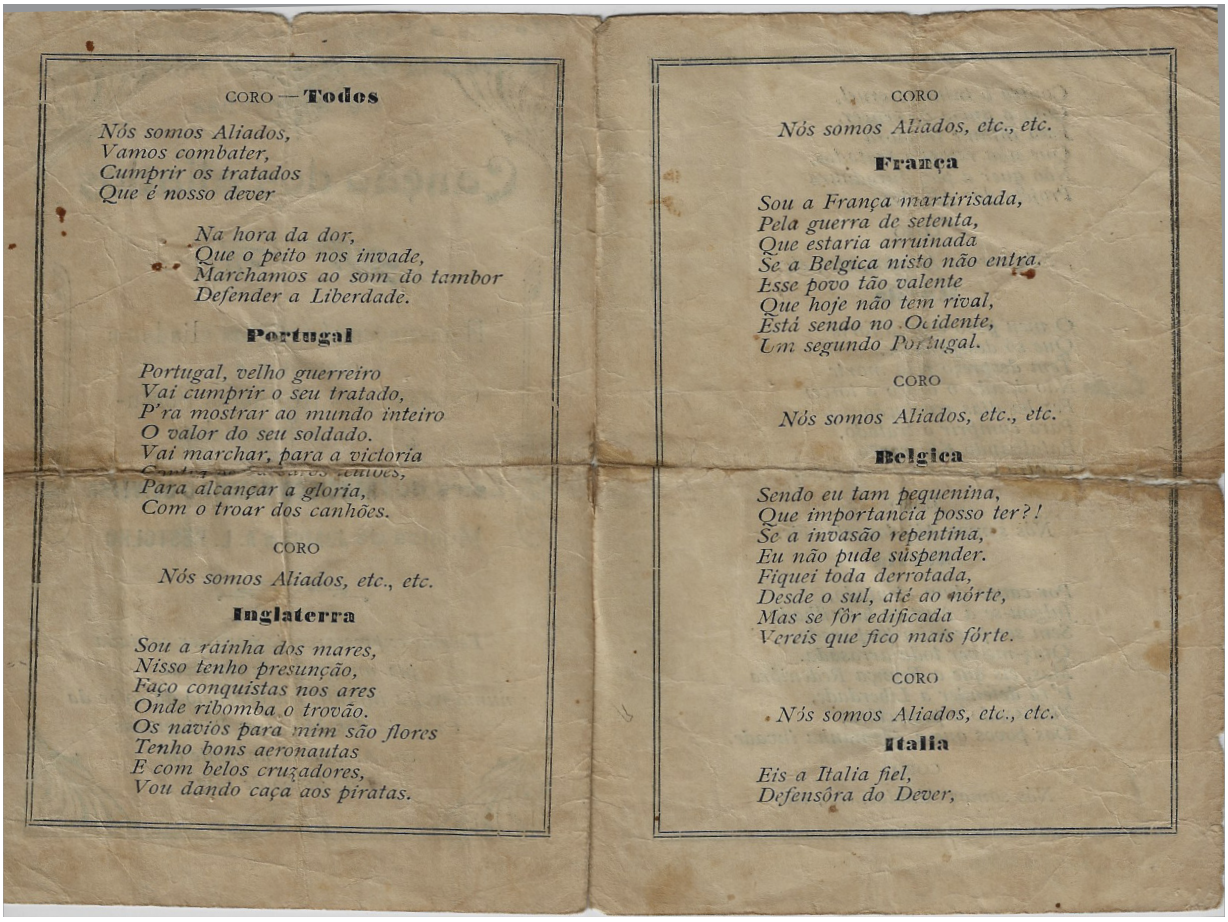
Homenagem ás nações aliadas e
oferecida á
Cruzada das Mulheres Portu-
guesas de Arronches

Letra de **FRANCISCO MAXIMO D'OLIVEIRA**

Musica de **JOAQUIM A. L. RESTOLHO**

*Escrita expressamente para ser cantada
por um grupo de creanças
numa recita infantil em beneficio do cofre da
Cruzada das Mulheres Portuguesas
em Arronches na noite de
3 de junho de 1917*

arquivo "A Forte Arronches" - gentilmente cedido por Daniel Balbino
© direitos reservados



CORO — **Todos**

Nós somos Aliados,
Vamos combater,
Cumprir os tratados
Que é nosso dever

Na hora da dor,
Que o peito nos invade,
Marchamos ao som do tambor
Defender a Liberdade.

Portugal

Portugal, velho guerreiro
Vai cumprir o seu tratado,
P'ra mostrar ao mundo inteiro
O valor do seu soldado.
Vai marchar, para a victoria
[illegible],
Para alcançar a gloria,
Com o troar dos canhões.

CORO

Nós somos Aliados, etc., etc.

Inglaterra

Sou a rainha dos mares,
Nisso tenho presunção,
Faço conquistas nos ares
Onde ribomba o trovão.
Os navios para mim são flores
Tenho bons aeronautas
E com belos cruzadores,
Vou dando caça aos piratas.

CORO

Nós somos Aliados, etc., etc.

França

Sou a França martirisada,
Pela guerra de setenta,
Que estaria arruinada
Se a Belgica nisto não entra.
Esse povo tão valente
Que hoje não tem rival,
Está sendo no Ocidente,
Um segundo Portugal.

CORO

Nós somos Aliados, etc., etc.

Belgica

Sendo eu tam pequenina,
Que importancia posso ter?!
Se a invasão repentina,
Eu não pude suspender.
Fiquei toda derrotada,
Desde o sul, até ao nórte,
Mas se fôr edificada
Vereis que fico mais fórte.

CORO

Nós somos Aliados, etc., etc.

Italia

Eis a Italia fiel,
Defensôra do Dever,

Arronches: Memórias da Primeira Grande Guerra (1914 / 1918)



POR
DANIEL BALBINO

"Temos a obrigação de salvar tudo aquilo que ainda é susceptível de ser salvo, para que os nossos netos, embora vivendo num Portugal diferente do nosso, se conservem tão Portugueses como nós e capazes de manter as suas raízes culturais mergulhadas na herança social que o nosso passado nos legou" *Jorge Dias*

Entre nós e o passado há por vezes uma névoa que nos impede de ver a realidade com nitidez, levantar esta pequena névoa é o que pretendemos ao dar a conhecer este inédito (penso eu) Programa Festivo. Os documentos históricos são fontes entre o passado e o presente e fundamentais para que a comunidade reconheça e preserve a sua identidade cultural, entenda as suas transformações sociais e também lhes permita compreender a sua história... Sejamos claros, estudar o passado não é ficar preso ao "antigo" mas sim registar, reconhecer e aprender com o que aconteceu. Assim podemos concluir que estudar os documentos antigos é sem dúvida uma forma de valorizar a cultura e manter viva a "história "e a identidade da comunidade Ao recordar o passado podemos concluir que os nossos antepassados viveram também uma vida com amores, ódios, paixões, lutas, divertimentos, festas e até alguns deles eram poetas e músicos...

No dia 3 de Junho de 1917 realizou-se em Arronches uma Récita Infantil para ser" expressamente cantada por um grupo de crianças em homenagem às Nações Aliadas (1) e em benefício da Cruzada das Mulheres Portuguesas de Arronches (2) intitulada" Canção dos Aliados" que tinha como autor da letra o Sr. Francisco Máximo de Oliveira (3) e da Música Sr. Joaquim A.L. Restolho...

1)Interessante a política de Alianças neste conflito assim tínhamos de um lado Os Aliados: Inglaterra-França-Itália-Bélgica-Rússia (quem diria) Sérvia e Portugal e do outro lado os Impérios Centrais: Alemanha, Império Austro-Húngaro, o Império Turco-Otomano e a Bulgária.

(2) A Cruzada das Mulheres Portuguesas foi uma organização fundada em 1916 por iniciativa de mulheres da alta sociedade de Lisboa, e que tinha como Presidente Elzira Dantas Machado esposa do então Presidente da Republica Bernardino Machado e entre outras personalidade a ilustre pedagoga Ana de Castro Osório. Este movimento marcou de forma indelével a participação activa das mulheres portuguesas no esforço de guerra, num tempo em que a sua presença na esfera pública ainda era muito limitada e tinha como objectivo apoiar os soldados portugueses e as suas famílias (viúvas e órfãos) durante o conflito. A Cruzada das Mulheres Portuguesas é considerado um marco na história do feminismo português, na sua participação cívica feminina e também na sua importância ao apoio em tempos de guerra. Em Arronches a Presidente deste movimento cívico era a Dª Palmira Alves dos Santos irmã do Dr. Luís Alves dos Santos.(4)

(3)O Sr. Francisco Máximo de Oliveira era avô da Dª Ana Maria Pires Gromicho.

(4) O Dr. Luís Alves dos Santos, ilustre médico natural de Arronches onde exerceu a sua actividade clinica e foi durante anos Presidente da Conferência de S. Vicente de Paulo de Arronches, movimento católico de leigos que desempenhou um papel fundamental no apoio às famílias social e economicamente mais carenciadas.

Considerando que o folheto esteve durante alguns (muitos) anos dobrado impede que se consiga ler na totalidade o verso referente a Portugal assim vou transcrevê-lo na totalidade:

Portugal, velho guerreiro

Vai cumprir o seu tratado

P`ra mostrar ao mundo inteiro

O valor do seu soldado.

Vai marchar, para a vitória

Contra os bárbaros teutões

Para alcançar a glória

Com o troar dos canhões

Em jeito de apresentação



POR
DIOGO SERRA

Era ainda manhã quando entre os homens que conversavam à porta do Damásio, surgiu a notícia!

Aquele era o lugar apropriado para se saberem as novidades. Ali, em pleno Largo da Cadeia, à porta e dentro da taberna, as notícias circulavam apressadas.

Umas trazidas pelos passageiros da "Setubalense" que, ali faziam paragem, outras pelos inúmeros homens que ali se juntavam diariamente ou, pelas mulheres que entrando pela porta lateral junto às cavalariças da GNR, iam abastecer-se de frutas e hortícolas na loja que funcionava paredes meias com a Taberna.

- Já nasceu o filho da Guida e do Alexandre. É um rapaz!

Fora a filha da tia "Maria da Boca Aberta", a parteira de então, que descendo a escadaria do Convento da Luz, trouxera a notícia.

Começou assim a minha ligação a Arronches, corria o 17º dia do mês de agosto de 1953. Até hoje!

Passados 26.373 dias (à data em que escrevo, 30-10-2025), vividas muitas histórias e acumuladas muitas memórias, a criança que então nascera no nº 6 do Convento da Luz é hoje pai e avô e independente do local em que viveu e trabalhou, um cidadão de Arronches. Sempre!

É este arronchense quem, desafiado pelo César Galão, se propõe vir regularmente ao vosso encontro para convosco partilhar as suas memórias, as suas inquietações e, sim os velhos também os têm, os seus sonhos.

Procurarei trazer-vos "a minha Arronches". As ruas, os recantos, as vivências e sobretudo as nossas gentes: Arronchenses que construíram a história da nossa terra a partir de grandes e pequenos feitos, gentes que aprendi a respeitar.

Ao mostrar-vos a "minha Arronches" e os homens e mulheres com quem convivi ou que conheci através das conversas com familiares e amigos procurarei deixar-vos, igualmente, os sonhos que animaram o meu viver. Os que deixaram de ser sonhos e se transformaram em presente e em passado e os que se mantêm como tal e continuam a animar o meu caminhar.

E tudo isto, tendo eu presente que o meu olhar sobre passado, presente e futuro é sempre condicionado pela minha postura cívica e política de homem de esquerda.

Também aqui a "minha esquerda": humanista, solidária, inclusiva e respeitadora das diferenças, de todas as diferenças.

Espero não desiludir, os leitores e o amigo (companheiro de escola do meu filho) que me desafiou para esta aventura.

Abraço-vos,

Diogo Júlio Serra



arquivo “A Forte Arronches” - gentilmente cedido por Daniel Balbino

© direitos reservados “A Forte Arronches”



arquivo “A Forte Arronches” - gentilmente cedido por Daniel Balbino

© direitos reservados “A Forte Arronches”

No princípio era o Verbo: como um convite se tornou num projeto



POR
FÁTIMA VELEZ DE CASTRO

Se me pedissem, na rua, em Arronches, para me apresentar, eu diria o seguinte: sou a filha do Chico e da Maria da Encarnação. E quase de certeza, isso daria azo a todo um desfolhar da árvore genealógica, em que, por tentativas problematizadas, a interlocutora ou o interlocutor chegaria à conclusão de que também sou neta do Zé Oleiro e da menina "Lexandrina"; neta do Manel Cachapa e da Hermínia Grilo. Às pessoas mais novas, isto não dirá nada, mas para mim diz tudo e é o que basta, pois se hoje aqui estou, o devo a quem me precedeu.

Fazendo este exercício de ter consciência de onde vimos e de quem descendemos, é essencial ter em conta que "no princípio era o Verbo" e, por isso, a palavra escrita tem um papel fundamental nas nossas vidas, mesmo que a banalização do uso quotidiano a releve para um plano secundarizado. Tudo se escreve, desde a lista de compras para não esquecer o que adquirir no supermercado, até ao poema que alguém compõe e que parece ter sido escutado ao ouvido (assim diria Sophia). Tanto no clássico papel, como no suporte tecnológico de última geração, a escrita continua a ter uma função estruturante na nossa existência, sem a qual não é possível (sobre)viver.

Por isso, a César o que é de César, neste caso não o imperador, mas o amigo César Galão, que me lançou o desafio de participar n` "A Forte Arronches". Foi ele que pensou o projeto, o desenvolveu, juntou pessoas distintas e muito interessantes, criou e tornou coesa a equipa, definiu papéis, distribuiu tarefas, fez reuniões. Tudo com um tato, um profissionalismo e um cuidado humano que raramente se encontra na vida em geral e no trabalho em particular. Então, face a um contexto tão positivo, como dizer não a um amigo de infância e a um projeto que apaixona ao primeiro contacto?

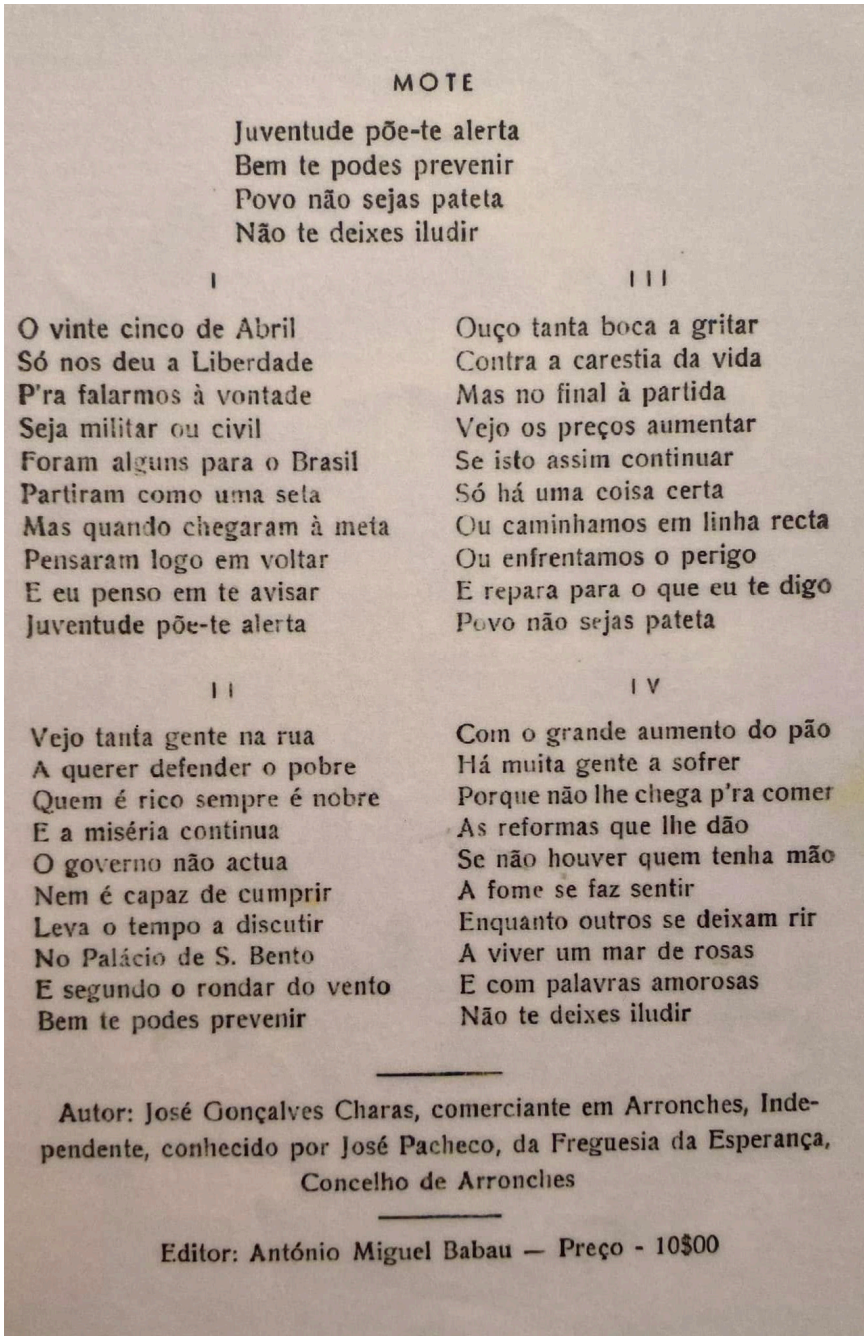
Venho então apresentar o que pretendo fazer no Ano 1 (2026) desta revista, isto é, um conjunto de textos, intitulados "O Lugar, a Pessoa, o Artefacto". Explico melhor: partir de um (ou mais) objeto(s) – o Artefacto – e da evidente ligação a Arronches – o Lugar – pretendo falar sobre gente(s) – a Pessoa – que tem/têm um papel de revelo no concelho. Não me refiro à "importância", pois isso é tão relativo quão difícil de definir, mas antes a situações que vou conhecendo e com as quais me deparo. A escolha está influenciada pelo fruto das minhas vivências quotidianas, sobretudo a distância, já que moro em Coimbra há muitos anos. Todavia, a ligação permanece através do contacto diário com os meus pais, através de amigas e amigos com quem falo regularmente e também com as visitas (sagradas!) em período de férias, sobretudo durante o mês de agosto.

O que vai resultar daqui? Sinceramente, ainda não tenho a certeza, mas há algo com o qual podem contar e que é a partilha de observações, de detalhes e de reflexões, que resultam acima de tudo da beleza das pequenas coisas, as quais contribuem para o todo, isto é, para a identidade social e cultural de um território que nos une, enquanto ponto de partida do início da nossa existência ou de um projeto de vida, no caso das pessoas que não são do concelho, mas que, em determinado momento, escolheram viver em Arronches.

Então que o Verbo se faça palavra e que a palavra se transforme em texto. Até breve!



arquivo “A Forte Arronches”
© direitos reservados



MOTE

Juventude põe-te alerta
Bem te podes prevenir
Povo não sejas pateta
Não te deixes iludir

I

O vinte cinco de Abril
Só nos deu a Liberdade
P'ra falarmos à vontade
Seja militar ou civil
Foram alguns para o Brasil
Partiram como uma seta
Mas quando chegaram à meta
Pensaram logo em voltar
E eu penso em te avisar
Juventude põe-te alerta

II

Vejo tanta gente na rua
A querer defender o pobre
Quem é rico sempre é nobre
E a miséria continua
O governo não actua
Nem é capaz de cumprir
Leva o tempo a discutir
No Palácio de S. Bento
E segundo o rondar do vento
Bem te podes prevenir

III

Ouço tanta boca a gritar
Contra a carestia da vida
Mas no final à partida
Vejo os preços aumentar
Se isto assim continuar
Só há uma coisa certa
Ou caminhamos em linha recta
Ou enfrentamos o perigo
E repara para o que eu te digo
Povo não sejas pateta

IV

Com o grande aumento do pão
Há muita gente a sofrer
Porque não lhe chega p'ra comer
As reformas que lhe dão
Se não houver quem tenha mão
A fome se faz sentir
Enquanto outros se deixam rir
A viver um mar de rosas
E com palavras amorosas
Não te deixes iludir

Autor: José Gonçalves Charas, comerciante em Arronches, Independente, conhecido por José Pacheco, da Freguesia da Esperança, Concelho de Arronches

---

Editor: António Miguel Babau — Preço - 10$00

arquivo "A Forte Arronches" - gentilmente cedido por Mafalda Flores
© direitos reservados

Aqui também há mundo



POR
MAFALDA FLORES

Nesta primeira edição da revista A Forte Arronches, cumpre sublinhar, em primeira instância, que a minha ligação a esta vila provém de uma raiz afetiva e familiar. Aqui nasci, neste lugar que não só é o meu território de residência, mas também o meu ponto de partida e, invariavelmente, o de regresso. Já fui (e talvez ainda seja) uma das muitas jovens arronchenses que partiram, persuadida pela ideia de que "lá fora é que está o mundo". E é verídico, o mundo está mesmo lá fora. Mas aprendi, com o tempo e também com a distância, que ele também pode estar aqui, nesta pequena Vila alentejana.

É também por isso que aceitei o convite para fazer parte deste projeto, enquanto colaboradora. Reconheço em mim um traço reivindicativo, não por conforto, mas por pertença a uma comunidade e por responsabilidade cívica. E creio que muitos arronchenses partilham o mesmo impulso, o de dizer, de propor e de pensar conjuntamente. E esta revista propõe-se precisamente a isso, a ser um espaço onde se alinha cultura, expressão artística, ciência, história e memórias contadas por quem outrora viveu esta Vila. Isto pode representar um coral de perspetivas, o que é de basilar relevância nos dias que correm, porque quando se narra apenas um lado da história, algo decididamente fica por contar.

Neste artigo introdutório, cumpre expor paralelamente os temas que me movem, sendo que todos o fazem, uns mais do que outros. Não sendo, contudo, apologista da "tudologia", diria que me movem, em particular, os temas sobre os quais incidi os meus estudos e também aqueles que me debruço diariamente em busca de informação. Ao longo da minha trajetória académica e de investigação, tenho articulado o meu interesse especial pela análise das dinâmicas das Relações Internacionais, no seu sentido mais lato, privilegiando o enquadramento do Direito Internacional e dos Direitos Humanos, assente numa matriz conceptual da Ciência Política. Lado a lado com esses interesses, surge também, por consequência, uma simpatia pela reflexão sobre problemáticas de natureza nacional, havendo claramente uma primazia na preocupação das suas expressões na esfera local.

Creio que, neste contexto, importa referir o envolvimento, desde tenra idade, em movimentos juvenis e também o interesse pela escrita de artigos como este, uns para jornais e outros apenas para a gaveta. Talvez movida pelo sentimento de necessidade de escuta, pertencendo a uma geração que tantas vezes é colocada em primeiro plano em discursos e em último nas decisões (e certamente marcada pelo cariz inquieto que a juventude nos dá). É, ainda, com esse espírito que aqui escrevo.

Aliás, para este primeiro artigo, aproveito para fazer alusão a um poema escrito por um comerciante Arronchense, o qual não sei identificar a data, mas será de perto dos anos de 1975/76, e cujo o mote é precisamente "juventude põe-te alerta"[1]. Curiosamente, a juventude desses dias pertence à geração que hoje dizessas mesmas palavras à minha. Não é tema novo, no decurso das últimas duas décadas, que o mapa demográfico de Arronches exibe lacunas que se traduzem em ausências tangíveis. Quando a massa jovem se afasta, leva consigo um acervo que não se restitui pelo correio, seja a capacidade de inovar ou a audácia de interrogar o dogma do "sempre se fez assim". E por isso digo, o maior risco de uma vila desprovida de juventude não é o silêncio das ruas e dos bares, é o silêncio das ideias!

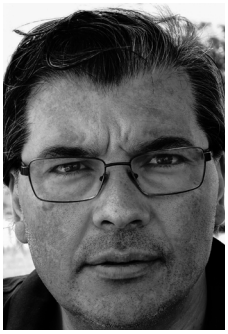
É por isso que projetos novos fazem falta, porque a renovação geracional não é meramente a chegada de pessoas novas a um lugar antigo, mas sim esse mesmo lugar conservar a capacidade de sonhar por si próprio. Porque, se a geração que parte não retorna, o que se perde não é apenas a presença física, mas o próprio futuro. E cuidar do futuro constitui o ato mais profundo de apreço que uma comunidade pode nutrir por si mesma.

[1] Autoria de José Gonçalves Charas, comerciante de Arronches (conhecido por José Pacheco, da Freguesia de Esperança).

Editoria de António Miguel Babau.



8 de Agosto, 2021– arquivo de Miguel Machado
© direitos reservados



POR
MIGUEL MACHADO

Rua do Paço, 40

Participo no projeto "A Forte Arronches" porque acredito que Arronches merece ser valorizada e lembrada pela sua história e, sobretudo, pelas suas gentes que a tornam única. Este projeto é uma oportunidade de dar voz ao vasto património (material e imaterial) que faz parte da identidade da vila de Arronches, valorizando o que a distingue enquanto comunidade. Ao contribuir para este projecto, sinto que estou a ajudar a manter viva esta identidade e, acima de tudo, disseminá-la para outros que ainda não tiveram oportunidade de a conhecer. A minha contribuição para o projecto desenvolve-se sobretudo em duas áreas distintas, mas que considero complementares: a economia e a fotografia. Por um lado, procuro analisar e refletir sobre a economia local, destacando os desafios, potencialidades e o papel das iniciativas que ajudam a dinamizar o concelho. Por outro, através da fotografia, tento captar emoções, momentos e detalhes que muitas vezes passam despercebidos no dia a dia, mas que representam a verdadeira essência de Arronches. É, portanto, um orgulho fazer parte de algo que não só celebra o passado, como também inspira o futuro do concelho. Mais do que um projeto, "A Forte Arronches" é uma forma (e uma oportunidade) de fortalecer laços, partilhar histórias e valorizar o que é nosso. Participar nele é acreditar que Arronches merece ser lembrada, contada e vivida com amor e orgulho.

Arronches – Uma Escolha Consciente:



POR
PAULO TRINDADE

Da raiz familiar à escolha de vida, o compromisso com uma comunidade participativa e confiante no futuro:

É com grande apreço que aqui me apresento, nesta primeira edição do Projeto A Forte Arronches.

Sou natural de Lisboa, cidade onde nasci, estudei e iniciei o meu percurso profissional, tendo desenvolvido grande parte da minha vida na região envolvente.

A ligação a Arronches é profunda e permanente, enraizada nos meus pais, nos meus avós e em toda a família, manteve-se sempre como referência central, mesmo nos períodos em que as exigências da vida profissional e pessoal me afastaram fisicamente.

Hoje, no final de uma carreira militar de quase 36 anos, escolhi Arronches para viver com serenidade e plena consciência de que se trata de uma decisão ponderada.

Não foi apenas a nostalgia ou a ligação afetiva que pesaram nesta escolha, mas sobretudo a racionalidade de quem procura paz, tranquilidade e segurança, sem abdicar de qualidade de vida.

Arronches oferece tudo isto, e acrescenta a vantagem de estar a pouco mais de duas horas de Lisboa, com boas acessibilidades que reforçam a proximidade a serviços e oportunidades. Embora seja uma terra do interior, oferece um raro equilíbrio entre qualidade de vida e ligação ao exterior.

É neste contexto que surge também a oportunidade de colaborar na revista A Forte Arronches. Acredito que um projeto desta natureza ganha valor por ser mais do que um espaço de opinião, constituindo-se sobretudo como um lugar de partilha de saberes e de construção coletiva.

Entendo a minha participação como uma forma de retribuir aquilo que recebo. Estar integrado numa comunidade não deve significar apenas usufruir do que nos é proporcionado, mas, sobretudo, contribuir com aquilo que cada um pode oferecer.

O conhecimento, a experiência e a reflexão, só ganham verdadeiro sentido quando colocados ao serviço dos outros, e é esse o espírito com que abraço este desafio. O meu contributo não é apenas escrever, mas partilhar, para que possamos crescer coletivamente.

As minhas áreas de estudo e investigação têm-se centrado sobretudo na Ciência Política, na Proteção Civil e na Segurança, incluindo a sua dimensão internacional. Embora distintas, estas áreas convergem num mesmo propósito, compreender os fenómenos políticos e sociais e procurar formas de reforçar a segurança, a coesão e a capacidade de resposta das comunidades.

Parto da ideia de que a política não se resume ao partidarismo, mas traduz-se sobretudo em processos de decisão pública e de cidadania ativa, realidades que se revelam de forma muito concreta no plano local.

A Proteção Civil e a gestão do risco assumem hoje uma importância crescente, especialmente em territórios como o nosso, marcados pelo envelhecimento populacional, pela perda gradual de dinâmica demográfica e por fragilidades próprias do interior.

A segurança comunitária e o desenvolvimento local estão profundamente ligados. sem coesão social, dificilmente se garante um futuro sustentável. Do mesmo modo, quando abordamos a segurança internacional ou fenómenos de escala global, importa reconhecer que até os concelhos de menor dimensão, são influenciados pelas dinâmicas globais que marcam a nossa época.

Ao aceitar colaborar neste projeto, faço-o com espírito de compromisso, rigor e dedicação, estou certo de que apenas através da ação conjunta, será possível alcançar resultados que permaneçam no tempo e respondam às necessidades da comunidade.

Acredito que o caminho passa por reforçar o que já temos de melhor, para que Arronches continue a afirmar-se como um concelho seguro, coeso e com um futuro sustentável.

arquivo “A Forte Arronches”
© direitos reservados



Arronches: Terra de Memória e Futuro



POR
CATARINA GRILO

Nada e criada em Arronches. Foi aqui que comecei o meu percurso académico, como tantos outros. Mas foi em Coimbra que descobri a paixão pela arqueologia e a vontade de saber mais, mais sobre esta terra e a sua história.

Durante a elaboração dos trabalhos do primeiro ano do mestrado, comecei a debruçar-me com mais certeza sobre o passado de Arronches. Entre dias passados no campo a fazer prospeções e horas a estudar o material recolhido, Arronches deixou de ser apenas uma vila protegida pelas ruínas do que outrora foram as suas muralhas, tornou-se um território por explorar.

Um sítio onde, para onde quer que olhe, há história: um povoado da Idade do Ferro, uma villa romana, memórias perdidas no tempo.

Há uma calma que se estende pelos campos, pelos montes e pelas ruas, como se o tempo tivesse aprendido a caminhar devagar. É essa lentidão que nos ensina a olhar melhor, para as pedras e para as vozes antigas que ainda ecoam nos muros.

O que me liga a esta vila não é apenas o lugar, mas o modo como ela se inscreve na memória. São os rostos que se cruzam todos os dias, as conversas que começam sempre do mesmo modo e acabam em riso, o som do sino ao longe, o vento que dobra o trigo.

É a certeza de que, mesmo quando partimos, há sempre um caminho que nos traz de volta como um fio invisível que nos prende ao que fomos e ao que queremos continuar a ser.

Nesta vila há histórias que se repetem e se reinventam, como quem lavra o mesmo campo em cada estação. E é nesse gesto simples, no quotidiano que se renova e que mora o sentido de pertença: a terra como casa, como memória viva, como promessa de futuro.

Arronches é uma terra onde o passado não dorme. Sente-se sob os pés, no toque da cal das paredes, no brilho do sol que se deita sobre as muralhas. Cada colina guarda segredos de outros séculos; cada caminho repete o passo de quem o percorreu antes de nós.

Há sítios onde o silêncio tem mais a dizer do que qualquer palavra, e este é um deles. Há lugares que moldam a nossa forma de ver o mundo. Arronches é um desses lugares, onde cada pedra guarda uma história, e cada caminho nos fala do tempo e da memória.

E é por esse motivo, que aceitei fazer parte deste projeto, para mostrar que Arronches não é só aquilo que conseguimos ver no nosso dia-a-dia mas o que foi outrora e que a maioria não conhece e não vê.



Figura 1.

- Fragmento de bojo de ceramica comum romana

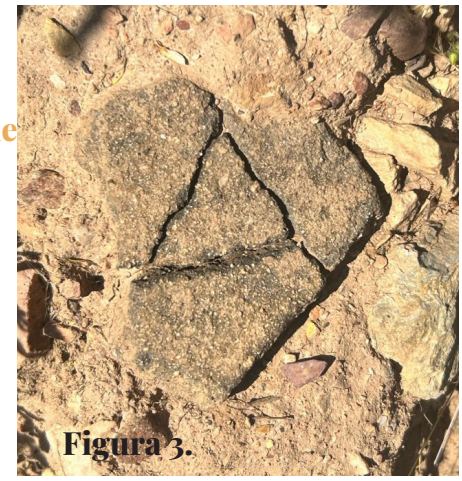


Figura 3.

- Fragmentos de ceramica comum da idade do ferro



Figura 2.

- Terra sigillata hispanica- ceramica de importacao romana (luxo)



Figura 4.

- Base de coluna romana



Figura 5.

- Ponte romana

arquivo "A Forte Arronches" - gentilmente cedido por Catarina Grilo

© direitos reservados

Honrar as Palavras, Celebrar o Encontro, Cuidar a Comunidade



POR
CARLOS CASAQUINHA

É uma honra para mim receber o convite de César Galão para participar na revista A Forte Arronches, um privilégio que transcende o gesto individual - é uma convocação à responsabilidade ética e estética da palavra. Num tempo em que o verbo se molda mais ao disfarce do que à revelação, aceitar este convite é também assumir uma tarefa de resistência, de lucidez e autenticidade, onde a palavra recupera o seu poder de construção e de encontro.

A Forte Arronches nasce como um território simbólico de resistência cultural: um lugar onde escrever é um ato de cidadania e de cuidado. Assim, aceitar este convite é, para mim, um gesto de profunda gratidão e compromisso. Honrando-o, irei escrever sobre saúde, seus determinantes, conceções, dimensões física e mental; irei também escrever sobre coaching, essa arte de despertar o potencial humano e de promover o bem-estar integral. Que estas reflexões possam contribuir para o debate, a consciência e o crescimento coletivo que esta revista tão generosamente propõe.

E como poderia ser de outra forma, quando o próprio território que inspira este projeto é um exemplo luminoso de equilíbrio e humanidade? Viver em Arronches é habitar um lugar onde o cuidado se transforma em arte cívica, onde cada rua reflete a serenidade de um espaço público limpo, sereno e harmonioso. O ambiente urbano respira saúde e bem-estar, fruto de uma comunidade que se reconhece no valor coletivo da proximidade. Em Arronches, as pessoas vivem protegidas, participam ativamente e inspiram-se mutuamente. É um lugar onde o espírito público promove a vida digna e a saúde e a magia da relação.

Arronches é, pois, mais do que um espaço geográfico - é uma inspiração ética e estética. É o testemunho de que o cuidado, quando partilhado, se converte em cultura. E é dessa matriz que nasce A Forte Arronches: uma revista que convida à reflexão, à criatividade e ao compromisso com o bem comum.

Escrevo, portanto, porque ainda acredito que a palavra pode recuperar o seu brilho essencial: o de nomear para compreender, o de dizer para unir, o de comunicar para construir. Agradeço, pois, a César Galão pela oportunidade de relembrar isso através do seu convite - um gesto de confiança e de partilha.

Que este encontro entre palavra e território, entre reflexão e humanidade, permita reafirmar o valor do respeito, da proximidade e da dignidade que tornam Arronches um exemplo de um lugar onde o espírito público se manifesta em cada detalhe, e onde a vida se torna, afinal, uma maravilhosa forma de arte.

Desejo, com sincero entusiasmo, o maior sucesso para este magnífico projeto que agora nasce - um projeto que honra as palavras, valoriza o pensamento e celebra a força tranquila de uma comunidade onde o cuidado coletivo, essa forma mais elevada de inteligência cívica, se escreve com letras de pertença.

Palavra a:

Arronches Adopta: 10 anos a mudar vidas, um animal de cada vez

Há histórias que começam no silêncio das ruas, no olhar assustado de um animal que já perdeu quase tudo — menos a esperança. Foi para devolver essa esperança que, em 2015, foi fundada a Associação de Protecção Animal Arronches Adopta: um pequeno grupo de pessoas entusiastas, movidas pelo coração e pelo desejo de transformar abandono em cuidado, medo em confiança e solidão em pertença.

Desde então, o Abrigo tornou-se um lugar de esperança. Ali, entre mantas, taças de comida e mãos pacientes, já passaram mais de 330 animais resgatados — muitos deles vítimas de abandono, doença ou maus-tratos. E mais de 290 já tiveram o mais bonito dos finais: uma família. Uma casa. Um colo que finalmente lhes pertence.

Mas o "Arronches Adopta" é mais do que números.

É uma equipa de voluntários que madruga, que se emociona, que trata feridas, que ampara a dor e atenua a fome. É cada cão que aprende novamente a confiar. Cada gato que volta a permitir que lhe toquem. Cada vitória pequena que, no nosso Abrigo, é enorme.

Nesta rúbrica, queremos abrir uma janela para este mundo onde se salva sem glamour, mas com alma. Vamos contar histórias que merecem ser conhecidas, apresentar os amigos de quatro patas que ainda esperam por quem os leve para casa e mostrar como, todos os dias, no Arronches Adopta, a mudança começa com um gesto — e um amigo fiel pode estar a uma página de distância.

Um animal abandonado espera apenas uma coisa: que alguém o veja…

www.arronchesadopta.com

associacaoarronchesadopta@gmail.com



arquivo “A Forte Arronches” - gentilmente cedido por
Martinho Manuelito
© direitos reservados



POR
MARTINHO MANUELITO

Encontros na Praça da República: a arte de Manuel Palmeiro

Um dia destes, enquanto passava na Praça da República, em Arronches, vi o Sr. Manuel Palmeiro, conhecido artesão da nossa praça, construir um instrumento musical.

Um dia destes, enquanto passava na Praça da República, em Arronches, vi o Sr. Manuel Palmeiro, conhecido artesão da nossa praça, construir um instrumento musical.

Surpreendido pela invulgaridade da obra, fui cumprimenta-lo e pedi-lhe se lhe podia tirar uma fotografia. Ao jeito dele lá me disse "tira as fotografias que quiseres!".

Segundo me apercebi o instrumento tinha a ver com uma disciplina da Academia Sénior de Arronches, que o Sr. Palmeiro frequenta desde o seu início.

A Academia Sénior de Arronches e o recém-criado projeto "Recriarte" na freguesia de Esperança desempenham um papel de importância fulcral na promoção da saúde e bem-estar dos munícipes mais velhos.

Estas iniciativas oferecem um espaço vital de convívio e participação em atividades diversificadas, combatendo eficazmente o isolamento social e a monotonia de uma vida centrada no lar.

Domingos Sidónio Trabuco Agapito

Domingos Sidónio Trabuco Agapito, "Dodo", era artista plástico, um prodigioso inventor de imaginários, um tecelão de cores, colagens, desenhos que brotavam do sonho, da dor e da angústia...nos seus trabalhos utilizava botões, meias de nylon, pétalas de flores, penas de pavão, conchas, cadernos escolares, brincos, colares de plástico, capas de revistas, naperons de papel, canetas missangas ... materiais de uso quotidiano e sem valor a olhos vulgares. Das suas mãos, objectos corriqueiros, ganhavam vida...nascia arte. Tinha sensibilidade e raro dom de ver beleza no "piroso", de re(a)cordar o que estava adormecido... transformar o caos em harmonia, poetizar o banal, escapando por isso a quaisquer normas e padrões estabelecidos. Dodo era amigo de casa e de conversas sem sono. Um dia, cansado, incompreendido, disse adeus à vida, voltou as costas ao mundo, deixando um oceano de cores por terminar. Pensando bem, talvez Dodo não tenha morrido, apenas se escondeu nas telas, nas tintas e nos objectos triviais que o rodeavam, como se fossem (ecos de) deuses silenciosos. Poeta do absurdo... das fragilidades humanas e do perfume das coisas simples ...Dodo nasceu em Arronches ... era meu amigo....

Daniel Balbino



arquivo "A Forte Arronches" - gentilmente cedido por Daniel Balbino

© direitos reservados



ARTES VISUAIS

DO DO EM «A FAINA DE UM FAUNO»

— Do Do aí está de volta, a dar um ar de graça irreverente à pasmaceira do quotidiano lisboeta, com uma exposição-instalação cuja anteabertura se realiza amanhã, às 18 e 30, na Casa do Concelho de Arronches (R. dos Anjos, 49). O tema geral é «A Faina de Um Fauno» nos domínios da «Arte-Moda», proporcionando uma «Sala dedicada a Eurico Gonçalves com os trabalhos para descontrair» ou «Festividade pirosa ou política do insólito». Entre os 69 trabalhos expostos figuram «Cupido sobre carta musical de Lisboa, ao António Victorino d'Almeida», «O pavão árabe já letrado ou a chave da sabedoria, a Jorge Listopad», «Sexus em cólera ou o yo-yo de Miller» «Um vestido de gritos, a pintora Gracinda Candeias», «Ai Portugal porque te quiero tanto, à Amália fadista», etc., etc. A exposição fica patente até 11 de junho.

arquivo "A Forte Arronches" - gentilmente cedido por Daniel Balbino

Jornal "Diário Popular de sexta-feira 24 de Maio de 1984"


DODO
ARTE
INSTALAÇÃO
MODA

A Revista
A FORTE ARRONCHES

Agradece o apoio prestado por parte da Câmara Municipal de Arronches e da Junta de Freguesia de Assunção que ajudaram a tornar possivel a realização deste projeto.

ARRONCHES
UM TERRITÓRIO
A DESCOBRIR

assunçao
Junta de Freguesia
ARRONCHES

Nome da publicação:
A Forte Arronches - A Voz da Nossa Terra, o Espirito de Arronches
Revista Digital do Concelho de Arronches

ERC
N" Regls1o: 128196

Periodicidade:
Bimestral

ISSN:
3051-7605

Fundador e Diretor | Editor:
César Galão

Coordenação Editorial:
Daniel Balbino
Fátima Velez de Castro
César Galão

Colaboradores:
Mafalda Flores
Diamantino Martins
Daniel Balbino
Fátima Velez de Castro
Diogo Júlio Serra
Miguel Machado
Catarina Grilo
Martinho Manuelito
Carlos Casaquinha
Paulo Trindade
João Pedro Amador

Design e Diagramação:
Produção própria

Fotografia:
Arquivo próprio, colaboradores, bancos de imagem livres (Unsplash, Pexels)

Plataforma de publicação:
calameo

Contactos:
afortearronches@gmail.com

Morada Sede | Diretor:
Bairro João Chagas
7340 Arronches, Alto Alentejo, Portugal

Para usos comerciais ou republicação, contactar previamente a equipa editorial.
www.afortearronches.pt

Política editorial:
"A Forte Arronches" é uma publicação independente, sem fins lucrativos, dedicada à valorização da cultura, história e vida comunitária do concelho de Arronches. Os conteúdos refletem a diversidade de opiniões e experiências locais, com respeito pela liberdade de expressão e pelo espírito democrático.

Direitos de reprodução:
É permitida a partilha dos conteúdos da revista com indicação da fonte.

Tiragem:
50 exemplares

© 2025 A Forte Arronches

Todos os direitos reservados.



FELIZ NATAL

E BOAS FESTAS!

Que a paz e o amor de Cristo preencham a sua casa neste Natal
São os desejos de A FORTE ARRONCHES!